

A RECICLAGEM DE FAIANÇA EM SALVADOR. CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS E TIPOS DE REUTILIZAÇÃO

Carlos Etchevarne

Resumo

Pesquisas arqueológicas recentes, efetuadas na área da atual Praça da Sé, em Salvador, permitiram a coleta de objetos que evidenciam ter existido, ao longo do século XVII e talvez ainda no início do XVIII, uma atividade de reciclagem de fragmentos de faianças portuguesas para a confecção de pequenas peças destinadas ao lazer, trabalho doméstico ou à indumentária. Por outro lado, um levantamento arquitetônico apontou que, no século XIX, houve um uso decorativo de fragmentos de faianças finas inglesas, sob a forma de embrechamento. Esta técnica musiva foi aplicada, inicialmente, como ornamentação de jardins de residências importantes e, mais tarde, quando esta arte decorativa se populariza, a outros ambientes sociais.

Abstract

Recent archaeological research in the area of the current Praça da Sé (Church Square), in Salvador involved the collection of objects that attested to the existence throughout the XVII Century and perhaps in the beginning of the XVIIIth century of Portuguese glazed earthenware fragments recycling activity for the manufacturing of small pieces for leisure, domestic work or attire. On the other hand, an architectonic study indicated that in the XIX century there was a masonry decorative technique using fine English glazed earthenware. This musive technique was initially used to ornament the gardens of prominent residences and as this decorative art became popular it was extended to other social surroundings.



Figura - 01

Escavação de um dos poços destinados a descarte, com restos de materiais das primeiras décadas do século XVII, do Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas de Salvador. (Foto: Carlos Costa)

Considerações gerais

O termo reciclagem é aqui interpretado não como a reutilização de um objeto inteiro para funções diferentes das originais, mas como o uso de partes fragmentadas ou de elementos residuais de uma peça de faiança. Ou seja, com este termo se definem as formas de aproveitamento de alguma parte de um elemento que não pode mais ser re-incorporado à sua totalidade. Desta maneira, apontamos para uma atividade de um setor da população de Salvador, que usava a faiança como matéria prima para produzir diversas peças, conforme a necessidade o gosto e a época.

As indagações sobre a reciclagem de faiança se iniciam em momentos em que começa a ser analisado o material proveniente das escavações da Praça da Sé de Salvador. Estas correspondem a uma pesquisa efetuada em pleno Centro Histórico da cidade que deu como resultado, além da identificação e reintegração paisagística dos alicerces da Antiga Igreja da Sé e de parte do Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas, a coleta de um número muito grande de vestígios, de distinta natureza, que evocam situações sociais do cotidiano desta cidade. Dentre eles se destacam os materiais cerâmicos, como restos de demolições de construções (telhas e tijolos) e, sobretudo, fragmentos de recipientes associados à produção, armazenamento e consumo de alimentos. Restos de cerâmica de torno vermelha, simples ou vitrificada, de porcelana chinesa e de faianças formam um universo de importância inestimável se consideramos a potencialidade de inferências sócio-históricas que eles oferecem. De fato, deve-se pensar que os fragmentos de faianças, podem ser utilizados, no mínimo, como demarcadores cronológicos, demonstrativos de modismos e de pertinência a grupos sócio-economicamente privilegiados.

Nas pesquisas realizadas na área da atual praça da Sé, o maior conjunto de restos de objetos de faianças encontrado corresponde aos tipos portugueses produzidos durante o século XVII. Não obstante, muitos outros fragmentos, certamente, provêm de peças confeccionadas em Gênova ou em algum outro centro de produção da Liguria, na Itália, devido ao intenso intercambio comercial existente entre essa região e Portugal. Estes objetos eram exportados para a colônia, via a metrópole lusitana, ou então vinham formando parte dos bens particulares trazidos pelos portugueses, na sua transferência para Salvador..² Outros fragmentos poderiam estar associados a recipientes fabricados na Espanha, nas oficinas de Talavera de la Reina, cuja produção, nesse mesmo período, foi comercializada em Portugal, especialmente no período da unificação das coroas ibéricas, e também

escoada em profusão para as coloniais espanholas de América. De Espanha ainda poderiam provir os pratos e tigelas de faiança branca do tipo *malegueira* (nome derivado de Málaga cidade espanhola da costa mediterrânica), do final do século XVI (Dordio, et al. s/d: 132).

Contextos arqueológicos e evidências de reciclagem de fragmentos de faiança portuguesa na área da Praça da Sé de Salvador.



Figura - 02

Perfil do setor correspondente ao adro da antiga igreja da Sé de Salvador. Observam-se camadas de deposição do descarte de materiais domésticos e construtivos. (Foto: Laygy Fernandes)

O número elevado de fragmentos de faiança portuguesa, do século XVII, encontrados em um setor específico do que hoje constitui a Praça da Sé justifica-se por varias razões, que apontam para a posição de assumida por Salvador. É importante lembrar que a cidade era, nesse século, a capital de uma colônia próspera e em plena expansão, o porto de escoamento de toda a produção açucareira do Recôncavo baiano para Europa, e um entreposto vital do comércio português na Carreira das Índias.³ Já estas três razões podem explicar por se só, satisfatoriamente, a hegemonia exercida pela cidade no território colonial. Como decorrência direta deste status, houve no seu componente populacional uma alta concentração de pessoas vinculadas ao controle político, econômico, religioso e militar.

Assim, como era de se esperar, Salvador organizou-se espacialmente de forma hierárquica, refletindo a própria divisão da sociedade. O setor da cidade que hoje identificamos como Praça da Sé estava situado dentro de um perímetro onde se encontravam os prédios mais importantes: Palácio do Governador, Casa de Câmara e Cadeia, Santa Casa de Misericórdia, Casa da Moeda, Igreja da Sé, Palácio do Arcebispo e Colégio dos Jesuítas, constituindo, desta forma, um âmbito urbano elitizado que poderíamos denominar centro de poder político-administrativo e religioso. Isto quer dizer que as residências particulares que estavam nas proximidades, compartilhando esse espaço de poder, correspondiam a moradores de destaque, com muito prestígio e, obviamente com alto poder aquisitivo. Desta forma fica explícito que a atual Praça da Sé, ocupada em tempos coloniais em parte pela Primeira Sé do Brasil e por um setor do Colégio dos Jesuítas, ficava dentro dos limites da área nobre da cidade.

No programa de escavações, os locais onde foram coletadas as faianças representam duas situações arqueológicas distintas, que naturalmente refletem um uso diferenciado do espaço. O primeiro caso corresponde a uma parte do Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas. O imponente conjunto de edifícios do Colégio cobria uma área que, desde pouco depois da fundação da cidade, já era propriedade dos padres da Companhia. Em sua forma definitiva o Colégio compreendia duas grandes alas separadas pela igreja do Salvador (atual Catedral), que já estavam terminados na década de 60 do século XVII. O Pátio dos Estudos Gerais foi construído no lugar que ocupavam antes outras construções jesuíticas, inclusive a igreja quinhentista. Na história construtiva deste complexo edifício pode-se comprovar, sempre, a preponderância desta ordem religiosa sobre as outras que atuaram simultaneamente. De fato, se considerarmos a privilegiada localização no tecido urbano e a totalidade de superfície ocupada, o monumental Colégio dos Jesuítas correspondia à maior superfície construída da cidade, pondo de manifesto, ainda, a função exercida pelo Colégio como centro de operações e de elaboração de estratégias dos “soldados-padres” da Companhia de Jesus em todo o Nordeste.

Entre os alicerces do Pátio dos Estudos Gerais se destacam duas concentrações de restos de lixo doméstico muito bem definidas, posto que houve a preparação do solo, aonde iria se jogar o material descartado. São poços cilíndricos, afastados entre si, dentro dos quais se encontrou grande quantidade de restos ósseos de animais utilizados para alimentação, alguns fragmentos de material de construção, especialmente telhas e, sobre tudo, fragmentos de cerâmicas de uso doméstico, incluindo faianças.

A segunda situação arqueológica escavada durante a pesquisa refere-se ao adro da antiga igreja da Sé de Salvador. Este espaço debruça-se sobre a íngreme ribanceira ao pé da qual encontra-se a chamada Cidade Baixa ou Comércio, onde funcionavam, como seu nome o indica, todas as atividades vinculadas ao comércio com a metrópole e outras coloniais. Esta área que se antepõe à igreja foi alvo de diferentes remanejamentos em vários momentos do período colonial. Segundo algumas vistas e plantas do século XVII e XVIII houve diferentes maneiras de construir patamares, como medida para conter os deslizamentos de terra, que pudessem prejudicar a estrutura do templo.⁴ Essas plataformas foram usadas para instalação de baterias durante as invasões holandesas de 1624, conforme pode ser visto na planta de João Teixeira de Albernaz de 1625. Como se tratava de uma área vinculada ao espaço consagrado do templo, o adro foi usado, exaustivamente, para sepultamentos de pessoas sem recursos, o que não impediu que também tivesse a tradicional função social dos largos praças. Ademais, por ser um local público o adro foi aproveitado, clandestinamente, como lugar de descarte por parte de alguns moradores da cidade, isto é, por aqueles que tinham o que descartar.⁵ A inconveniência deste hábito, que segundo consta em documentos era exercido através dos escravos, foi apontada pela Câmara da cidade, em 1625 (P.M.S, 1942: 6), que proibiu jogar lixo, dentre outros lugares, no “terreiro” da Sé, sob pena de pagamento de 6\$000. Esta proibição e a respectiva punição aparentemente não coibiram os moradores, posto que a disposição municipal é reeditada, até onde foi possível pesquisar, em pelo menos mais três vezes no decorrer do século XVII, 1626, 1631 e 1692 (Araújo, 1993: 50,51,62). Os estrangeiros que a visitam a descrevem com admiração e registram a riqueza de edifícios da administração colonial e residências privadas.⁶

Este tipo de descarte de resíduos domésticos, no adro, proporcionou uma forma de acumulação em camadas ocupando espaços não muito delimitados. Acreditamos que em função da localização dentro do perímetro desse adro, o material descartado proviria das residências vizinhas, cujos moradores seriam, conforme exposto em parágrafos anteriores, pessoas de alto poder aquisitivo. As camadas de descarte estão compostas também por grandes volumes de restos de animais de alimentação (de criação, caça, pesca e coleta), escombros de demolições (telhas fundamentalmente) e fragmentos de material cerâmico comum, vidrado e de faianças.

Esta diferença de situações arqueológicas, entre o adro da Sé (área pública) e o Colégio (área privada), justifica a maneira em que os restos de objetos foram achados e a possibilidade de remontagem. Enquanto na área do Pátio dos Estudos Gerais (depósitos circunscritos e fechados) podem ser



Figura 03 - Rodelas de fuso confeccionadas a partir de restos de faiança portuguesa (século XVII), encontradas na área do adro da antiga Igreja da Sé. (Foto: Miria Barbosa)



Figura 04 Fichas de jogo executadas reciclando faiança portuguesa (século XVII), provenientes das escavações do adro da antiga igreja da Sé de Salvador. (Foto: Miria Barbosa)



Figura 05 Botões para vestidos preparados com restos de faiança portuguesa do século XVII (adro da antiga igreja da Sé de Salvador) (Foto: Miria Barbosa)

Figura 06 Fragmento de faiança portuguesa, sem esmalte, sobre o qual há um esboço riscado de uma cruz, que por fratura do objeto, não chegou a ser terminado (adro da antiga igreja da Sé de Salvador). (Foto: Miria Barbosa)



encontrados objetos fragmentados passíveis de restauração ou recomposição, no caso do adro da Sé isto não acontece. Neste caso, os fragmentos foram espalhados na hora em que eram despejados ou podem ter sido separados posteriormente, por ação pluvial, e por força da gravidade terem escorrido, em boa parte, pela ribanceira. Pode se mencionar, à maneira de exemplo dessa dispersão, o caso de fragmentos de uma base de um prato de faiança, com um motivo central muito singular e até o momento único, um sol com rosto desenhado em vinhoso, com pequenos traços em amarelo. Estes fragmentos fáceis de identificar pela sua raridade foram encontrados em várias quadras diferentes, com níveis de profundidade também diversos, fato que não impediu o reconhecimento de se tratarem de um mesmo objeto, conseguindo-se inclusive o encaixe e colagem de alguns deles. Assim, no adro,

na quase totalidade dos casos não houve possibilidades de restauração ou remontagem de objetos ou de parte deles. Mas foi nestas camadas de deposição que de forma aleatória foram encontradas peças que aludem a uma atividade de reciclagem pós-deposicional, fato que não ocorre nas outras duas situações de descarte do Pátio.

A aparição de algumas peças com evidências marcantes de terem sido trabalhadas a partir de fragmentos cerâmicos descartados impõe a pergunta de quem e como reciclavam. Os exemplos encontrados nos permitem pensar que se trata de uma atividade exercida por indivíduos componentes de classes menos favorecidas, que encontravam nesses acúmulos fonte de matéria prima para objetos simples. Pelo menos com a faiança portuguesa houve confecção de botões grandes (com dois furos), rodela de fuso (feitos também em cerâmica comum) ou círculos de amarre de laços para vestidos e, talvez, algum enfeite ou elemento religioso, como o demonstra a tentativa de realização de uma cruz, sobre uma placa pequena de faiança. Retirado o esmalte e a decoração, o objeto já tinha alcançado a forma de cruz, mas esta não chegou a ser concretizada pela quebra de uma das partes. O risco do esboço da cruz que a pessoa pretendia fazer pode ser visto ainda em uma das faces e, por isto, podemos inferir que ela teria bastante que raspar ou limar até terminar seu projeto.

Também foi encontrado um grande número de fichas circulares de jogo, de diferentes tamanhos, efetuadas por limagem e arredondamento de fragmentos de faianças. Que de fichas de jogo se tratavam (de dama ou gamão, por exemplo) parece ser bastante plausível, haja vista que foram encontrados também em boa quantidade outros complementos dos jogos de fichas: os dados. Estes eram de feitura simples, em osso, tinham pequenas dimensões e com os pontos da numeração muito semelhantes em todos os dados.

Todos estes elementos permitem levantar a hipótese que, sendo o adro da Sé uma área de acesso permitido a todo o mundo, as pessoas, especificamente as mais pobres, poderiam aí confeccionar alguns objetos que lhes eram necessários (botões e rodela de fuso, por exemplo) e também se reunirem a jogar, confeccionando suas fichas no próprio local. Independentemente dessa hipótese, fica claro que, pela localização e natureza, o descarte era originário dos grupos de moradores mais abastados da cidade, com residência nas vizinhanças. Porém pelo tipo de objetos, pelo pouco cuidado na confecção e, igualmente, pelo local de onde era retirada a matéria prima para essa reciclagem, esta era produto dos habitantes das camadas mais populares de Salvador.

A faiança fina. Um novo material e uma nova forma de reutilização

Entre os milhares de fragmentos de faiança portuguesa que foram coletados nas escavações do adro, apareceram alguns que tinham uma certa regularidade nos cortes de ângulos retos e nas dimensões. Aparentam ser peças preparadas propositalmente com essas formas, o que permitiu pensar em um primeiro momento na confecção de pastilhas para embrechamentos murários. Com esta possibilidade a pesquisa arqueológica se ampliou, abrindo-se para o exame dos vestígios construídos naquela época. Iniciou-se assim uma busca de exemplos deste tipo de decoração na cidade, em edifícios que remontassem ao século XVII ou início do XVIII, sejam residências, prédios públicos ou estabelecimentos religiosos. O levantamento compreendeu o solar do Saldanha, o do Berquó, o solar do Ferrão, a Casa dos Sete Candeeiros, o conjunto de residências do Cruzeiro de São Francisco (entre elas a casa natal de Gregório de Mattos), a Casa da Câmara e Cadeia de Salvador, o Palácio do Arcebispo, a Quinta dos Padres e as igrejas seiscentistas da cidade de Salvador, entre outros prédios⁷

Como resultado desta pesquisa se constatou que em nenhum desses edifícios há resquícios de utilização de embrechamentos com faiança portuguesa. Isto leva a pensar que, de fato, há certas questões que impediram o uso da faiança portuguesa para essas finalidades, pelo menos em Salvador. O primeiro dos motivos consiste na própria natureza da matéria prima. Se os embrechamentos são propostos para usos eminentemente externos, a faiança do tipo português é pouco resistente às condições climáticas da cidade, especialmente se estiver exposta à intempérie. A vitrificação da superfície teria craquelado com facilidade e descascado rapidamente. Se houve alguma tentativa deste uso, este deve ter ficado de lado em breve tempo.

Por outro lado, há uma questão de ordem arquitetônica que pode ser o principal impedimento para esta utilização. Na Salvador do século XVII não há espaços abertos destinados ao convívio social, como são os jardins. Os palacetes da cidade correspondem a construções senhoriais de partidos semelhantes entre eles: edifícios que dão diretamente à rua, algumas com um pátio quadrangular interno que serve para entrada de luz e ventilação, usando-se o plano térreo do mesmo, como lugar de tarefas domésticas e não como lugar de lazer. Ou seja, não havia espaços especiais que cumprissem o papel dos jardins. Os dois únicos prédios que têm um elemento externo com caráter social evidente são o Solar do Ferrão e a Casa dos Sete Candeeiros que possuem pequenos terraços sobre-elevados, com vista para um vale, mas ambos suas muretas estão totalmente recobertos em pedra trabalhada, sobre a qual não caberia a aplicação do embrechamento.



Figura 07 Painel com embrechamento sobre paredes do jardim do Solar Ferreira Bandeira, de Salvador, empregando fragmentos de faiança fina inglesa (século XIX). (Foto: Ione Martins)

Figura 08 Painel do jardim do Solar Ferreira Bandeira, de Salvador, confeccionado a partir de fragmentos de faiança fina inglesa (século XIX). (Foto: Ione Martins)

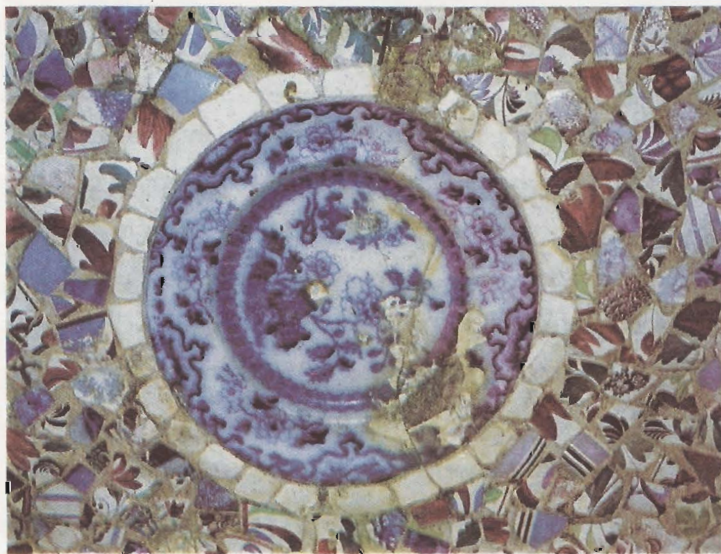


Figura 09 Painel decorado com técnica de embrechamento no jardim do solar Ferreira Bandeira, com fragmentos e peça inteira de faiança fina inglesa (século XIX) (Foto: Ione Martins)

Os jardins como área de interação social começam a aparecer, incorporados às residências de Salvador, tardiamente, quando se inicia a ocupação das cumeeiras dos morros além do rio das Tripas, limite do tecido urbano até o século XVIII. A partir de então, um novo projeto de casarões, solares e palacetes começa a ser usado. Com esta concepção se foram povoando as freguesias de Nossa Senhora da Soledade e de Nossa Senhora da Saúde e, mais tarde, a de Nossa Senhora da Vitória (esta predileta dos estrangeiros). Neste novo povoamento as casas mais abastadas começam a ostentar jardins, na parte posterior, na frente e nas laterais. Do primeiro que se têm notícias é o do solar dos Ferreira Bandeira, família de ricos comerciantes, depois senhores de engenhos, chegados na segunda metade do século XVIII. ⁸ Parece ser que a construção do jardim deste distinto palacete, que se voltava também para um vale, constituiu um grande evento na cidade. Sobre ele, informa Thomas Lindley, comerciante inglês retido em Salvador sob suspeita de contrabando, entre 1802 e 1803. Observador agudo e assaz crítico ele descreveu:

“Na parte fresca do dia, fiz um passeio a pé com minha mulher à Soledade e ao jardim – a maravilha e orgulho da Bahia, de um rico comerciante. Situado encantadoramente, porém, ingenuamente composto nas linhas do antigo estilo francês: pequenos canteiros, de diversos formatos, guardados por numerosas divindades de chumbo e estatuas que ornavam os ângulos dos caminhos ou estavam fixados às paredes da entrada, junto aos degraus do terraço do edifício (...). No jardim ficava um pequeno chafariz; além uma gruta mal feita de conchas vulgares, não obstante possuir o país grande e bela variedade delas” (Lindley: 1808, apud Ferrez, 1963: 1968).

Outro exemplo, desta vez mais simples, corresponde ao solar ainda hoje existente na ladeira da Barra, na área correspondente à antiga freguesia da Vitória. Aqui há dois bancos, em um pequeno jardim que margeia a casa pela frente e lateralmente. Eles também estão revestidos de conchas além de seixos pequenos e são provavelmente da mesma data do casarão, 1846 (IPAG 1997, 281).

Como pode ser observado, são as conchas os elementos decorativos, ainda a faiança fina de origem inglesa não entra o jogar o papel importante que terá a partir da metade do século XIX, quando ela encontra sua mais alta popularidade. Efetivamente, ao que todo indica, a utilização de fragmentos de faianças finas misturadas a outros elementos, na decoração de exteriores, passa a ser amplamente difundida a partir da segunda metade do século XIX, de forma sem precedentes. O mesmo jardim

do solar Ferreira Bandeira é re-decorado, eliminando as conchas e tapizando fastuosamente os muros com composições policrômicas, resultado de combinações de diferentes tipos de fragmentos de faianças finas. Os vestígios deste trabalho esmerado podem ser visto ainda nos fundos arruinados do palacete e demonstram que a moda era tão forte, no ponto de serem usados recipientes inteiros, enquanto outros eram cortados regularmente, para formar as exatas e harmônicas composições. Este jardim, talvez re-decorado no ápice do modismo, prova que as famílias abastadas não se aproveitavam das louças quebradas que deviam ser descartadas. Pelo contrário, elas usavam pratos, travessas e pires de faiança fina em bom estado, para decorar “à la page” seus jardins.

A mesma situação decorativa acontece no solar que teve como último proprietário a Ernesto Simões Filho, construído na metade do século XIX, no bairro da Saúde. O jardim que ocupa a parte lateral do casarão e os fundos tem, em toda sua extensão, painéis formados por molduras de seixos e conchas com composições bastante elaboradas feitas de fragmentos de faiança fina, de grande efeito cromático. Ademais, segundo informações de antigos moradores do mesmo bairro da Saúde, outros antigos casarões do século XIX teriam elementos decorativos semelhantes, mas foram sendo retirados, em vista da mudança de gostos, da degradação ou pelo fato de se construírem habitações nos espaços dos jardins, na medida em que essa parte da cidade entrava em decadência.

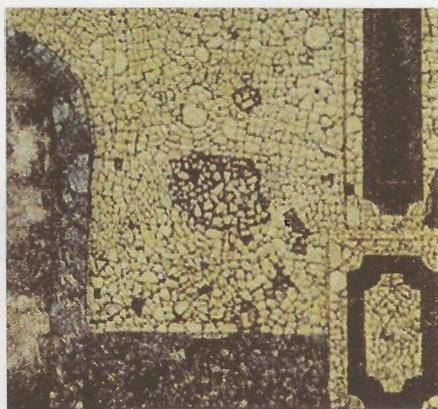
Seguindo a evolução da moda do embrechamento com faiança fina observa-se que esta passa a ser adotada por grupos de outras camadas sociais. Assim, pode ser visto como a classe média, que emergia na segunda metade século XIX, também expressa sua adesão aos gostos dos mais abastados empregando essa decoração, em que se aplicam restos de faianças finas e peças inteiras, nos portais e muretas de ingresso a pequenos jardins que antecedem à residência. Excelentes exemplos deste novo âmbito social em que se usou o embrechamento são algumas casas na Ladeira dos Aflitos, área que começou a ser ocupada no século retrasado, por famílias da ascendente classe média baiana.

O gosto pelos embrechamentos estende-se por toda a cidade quando, então, essa técnica não somente será aplicada aos jardins mas também à cobertura de pináculos e bulbos das torres de igrejas de Salvador e de outras cidades do Recôncavo, provavelmente substituindo os azulejos. A Igreja da Soledade constitui um bom exemplo do que parece ser uma passagem entre a utilização dos azulejos e das faianças finas. Na torre, estas parecem ter sido incorporadas posteriormente a um projeto decorativo destinado aos azulejos, posto que eles dominam todo o remate da torre. A torre e o

pináculo piramidal da Igreja de Bom Jesus dos Aflitos foram revestidos totalmente de restos de objetos de faiança fina. Fragmentos irregulares de pratos, xícaras, sopeiras, travessas e terrinas foram dispostos de forma a dar à torre um revestimento branco (hoje amarelado pelo intemperismo). As partes dos objetos escolhidos não tinham nenhum motivo decorativo, com a intenção de criar uma cobertura mural neta, na cor branca. As molduras das janelas do sino e a platibanda, por sua vez, foram decoradas com restos de objetos com motivos azuis (padrões willow, borão, florais pintados à mão e paisagens de campo), que provocam um forte contraste com o fundo branco das paredes da torre. Nas arestas da mesma, usaram-se restos de garrafas de vidro marrom, em painéis alongados.

No Recôncavo Baiano, os motivos das torres e pináculos piramidais de igrejas incluíram além de fragmentos, pratos inteiros, como na igreja do seminário jesuítico de Belém, distrito de Cachoeira, ou na de Nossa Senhora do Monte, na própria sede da cidade. Em São Félix e Santiago de Iguape há igrejas de torres com remates barrocos, em forma de bulbos, totalmente cobertos de fragmentos de faianças finas, dispostos de maneira a acentuar o movimento do volume arquitetônico. Nos casos mencionados o embrechamento parece ter sido utilizado em momentos de reparos das igrejas ou, então, como forma de modernização das mesmas, visto que as construções datam dos séculos XVII

Figura 10 Exemplo de embrechamento na torre sineira da igreja do Bom Jesus dos Aflitos, Salvador, em que se utilizaram fragmentos de faiança fina inglesa, do século XIX. (Foto: Ione Martins)



Detalhe do embrechamento

e XVIII. Talvez, as últimas torres a serem decoradas com embrechamento de faianças finas, sejam as da Igreja de São Bento, de Salvador, que foram erguidas nas décadas de 70 e 80 do século XIX.

Quanto tange à origem, à aceitação e à difusão do embrechamento na Bahia, estas são, por enquanto imprecisas. Não obstante, algumas informações podem orientar o rumo de uma investigação nesse sentido. Não havendo indícios de embrechamento com materiais cerâmicos, especialmente com faianças portuguesas até metade do século XIX, cabe levantar a hipótese de que a introdução desta técnica tenha ocorrido justamente nesse período. Para então, Portugal tinha já deixado de ser o único centro de referência cultural e em termos arquitetônicos e urbanísticos as miras recaíam também sobre outros países europeus. O mesmo acontecia com os modismos das artes decorativas. A sociedade aristocrática e sobre tudo a própria corte imperial no Rio de Janeiro eram as primeiras a importar hábitos e gostos, servindo como modelo a ser seguido pelos demais grupos sociais na cidade capital e em outras partes do Império. A imitação daquilo que era proposto pela corte brasileira por parte de outros grupos sociais poderia ser a explicação da origem e da forte difusão desta tendência decorativa, que teria chegado também a Bahia.



Figura 11 Embrechamento em um painel lateral de uma fonte octogonal do Solar de Ernesto Simões Filho, Salvador, utilizando fragmentos de faiança fina inglesa e conchas (Fonte: Caminha Leite)

Neste ponto surge uma pergunta que pode nortear a pesquisa sobre o surgimento da ornamentação musiva. Seria o embrechamento do Jardim das Princesas, na residência imperial da Quinta da Boa Vista do Rio de Janeiro, o exemplo que serviu de modelo, como tantas outros modos, costumes, etiquetas da corte, pelo império afora? ⁹ Esta é uma obra que costuma ser atribuída à imperatriz Teresa Cristina, que a teria executado para e com suas filhas, Isabel e Leopoldina, exatamente no início dos anos 1850. Nada mais instigante, considerando que a imperatriz era originária do reino partenopéu, onde a decoração polimatérica dos jardins já era comum e com a qual deve ter mantido contato contínuo, especialmente nas ruelas do claustro do convento de Santa Clara, obra do arquiteto D. A. Vaccaro, do século XVIII, claustro que, sem dúvida, a então princesa napolitana poderia frequentar.¹⁰

Agradecimentos

Agradeço infinitamente à equipe que ficou em todo momento a meu lado, durante os trabalhos de campo e de laboratório, relativos à pesquisa na área da Praça da Sé de Salvador: Carlos Costa, Aurea Tavares, Luygy Fernandes, Mirta Barbosa, Karine Porto, Patricia Navarro, Viviane Bandeira e Julio de Oliveira.

Carlos Etchevarne - Departamento de Antropologia / FFCH / UFBA - etchevarne@ufba.br

Notas:

¹ Título do artigo - Este texto constitui uma versão ampliada da breve comunicação apresentada na seção Cerâmica do XII Congresso de Arqueologia Brasileira, realizado em São Paulo, em setembro de 2003.

² Um claro exemplo deste último caso é o jogo de mesa brasonado que trazia o General Francisco Corrêa da Silva no galeão Sacramento. Este naufragou próximo às costas do Rio Vermelho, na Bahia, em 1668 (Mello: 1978, 15-25).

³ Os estrangeiros que a visitam e registram suas impressões a descrevem com admiração, comentando o porte dos edifícios públicos, religiosos e privados. Dentre os visitantes que deixaram seu depoimento nesse período encontram-se Pyrard de Laval (1610), Francisco Coréal (1685), o Engenheiro Froger (1696) e William Dampier (1699); Símas (1998: 85, 100-102).

⁴ Ver as vistas da cidade proporcionadas por João Teixeira Albernaz (início do século XVII), José Antônio Caldas e Luiz dos Santos Villhena, estes últimos do século XVIII (Reis, 2000: 16-59). Ademais há documentos como o apresentado por Peres, em que se menciona “temos feito outra esplanada no adro da Sé... donde lhe pomos as duas Columbrinas”, em momentos de preparação da defesa da cidade (Peres, 1999: 74).

⁵ O tipo e quantidade de material de descarte estão sempre associados com o grupo social que o produziu. Como a faiança, no século XVII, foi utilizada por grupos de classes abastadas, seu descarte alude fortemente à presença desses grupos. A ocorrência de significativo número de fragmentos de pratos com parte de brasões nobiliários reforça a associação entre a faiança, as classes abastadas e o descarte.

- ⁶ Os estrangeiros que a visitam a descrevem com admiração e registram a riqueza de edifícios públicos, religiosos e privados. Dentre os estrangeiros visitantes da cidade que deixaram seu depoimento nesse período encontram-se Pyrard de Laval (1610), Francisco Coréal (1685), o Engenheiro Froger (1696) e William Dampier (1699); Simas (1998: 85, 100-102).
- ⁷ Todos estes edifícios estão cadastrados no Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, Vol. I – Monumentos do Município e Salvador (IPAC, 1997)
- ⁸ O professor e arquiteto baiano Américo Simas efetuou um breve estudo histórico arquitetônico deste solar (Simas, 1968)
- ⁹ A decoração embrechada do Jardim das Princesas da Quinta da Boa Vista foi já motivo de estudos por parte da Prof. Tania Andrade Lima, do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Destacamos que foi esta pesquisadora que por primeira vez chamou a atenção sobre a importância dos estudos da faiança fina, para a compreensão de contextos sócio-econômicos do século XIX, servindo suas obras sobre este tema como referências para estudos de muitos pesquisadores (Lima et alii: 1989, entre outros)
- ¹⁰ Nos diferentes reinos, ducados e estados itálicos existentes antes da unificação italiana, a decoração polimátrica (cerâmicas, vidros, seixos, conchas, etc.), em exteriores, especialmente em jardins, já aparece com o movimento Maneirista peninsular, tendo um excelente exemplo nos jardins da Vila d'Este, em Tívoli, obra do arquiteto Pirro Ligorio.

Bibliografia

- ARAUJO, Manuel. **O teatro dos vícios**. UNB/José Olimpio Editora. Rio de Janeiro. 1993.
- DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo; SÁ, Anabela. **Faianças de Porto e Gaia**. O recente contributo da arqueologia. **Itinerário da Faiança de Porto e Gaia**. Museu Nacional Soares dos Reis. Porto. S/d
- FERREZ, Gilberto. **As cidades de Salvador e Rio de Janeiro, no século XVIII**. Instituto Histórico e Geográfico. Rio de Janeiro. 1963
- IPAC. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia**. Secretaria de Cultura e Turismo. Governo do Estado da Bahia. Salvador. 1997
- LIMA, Tânia Andrade; Fonseca, M.P da; Sampaio A.; Fenzi-Nepomuceno, A.; Martins, A. **A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos de emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro**. **Dédalo - Pub. Avulsas**. EDUSP. São Paulo 1989
- MELLO, Ulysses Pernambucano de. **O Naufrágio do Galeão Português Sacramento 1668**. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, n.º 78. Salvador. 1978
- PERES, Fernando. **Memórias da Sé**. Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho de Cultura do Estado da Bahia. Salvador. 1999
- P.M.S (Prefeitura Municipal de Salvador) **Atas da Câmara Vol 1**, Salvador 1942.
- REIS, Nestor Goulart, **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. EDUSP. São Paulo. 2000
- SIMAS, Américo. **Solar Bandeira**. Separata da Revista de Cultura da Bahia. Salvador. 1968
- Evolução Física de Salvador**. Prefeitura Municipal -Fundação Gregório de Matos. Salvador. 1998